



A torre e as testemunhas: um estudo sobre a dominação entre o corpo governante e as Testemunhas de Jeová

*Paulo Henrique Bellonia da
Silveira¹*

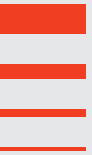
¹Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. *paulobellonia@gmail.com*

RESUMO: As Testemunhas de Jeová no Brasil compõem a terceira maior população de membros da denominação no mundo. No Brasil são consideravelmente identificados por seu comportamento característico e suas ações proselitistas. Embora presentes no imaginário popular brasileiro, as Testemunhas de Jeová ainda são pouco estudadas pelas Ciências Sociais. Por ser uma denominação de caráter sectário e que busca o distanciamento de outras denominações cristãs, o “Corpo Governante” das Testemunhas de Jeová precisa exercer forte influência sobre o sistema de crenças de seus membros. O presente artigo busca identificar quais mecanismos a liderança da denominação utiliza (e de qual forma) para manter a coesão doutrinária em relação aos descrentes e outros segmentos religiosos. Além de apresentar um breve resumo do surgimento e desenvolvimento da denominação, apontando suas mudanças e adaptações organizacionais em sua estrutura administrativa, crenças e comportamentos.

PALAVRAS CHAVE: Testemunhas de Jeová/ Sentinela/ Dominação/Sociologia/Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas

ABSTRACT: Jehova’s Witnesses in Brazil are the third largest populations of members of the denomination in the world. In Brazil they are considerably identified their peculiar behavior and their proselytizing actions. Although being in brazilian popular imaginary, Jehova’s Witnesses are still poorly studied by the Social Sciences. As a sectarian denomination which seeks detachment from other christians denomination, Jehova’s Witnesses “Governing Body” needs to exert a strong influence over the system of beliefs of their members. This article intends to identify wich mechanisms the denomination leadership uses, and in what form, to maintain doctrinal cohesion in relation to the unbelievers and other religious segments. In addition, we intend to presente a brief overview of the emergence and development of the denomination, pointing the changes and organizational adjustments in its administrative structure, beliefs and behaviors.

KEYWORDS: Jehova’s Witness/ Sentinel/ Domination/ Sociology/ New World Translation of the Holy Scriptures



INTRODUÇÃO

O vasto e complexo cenário religioso brasileiro é, por si só, um grande campo de estudo para as Ciências Sociais. Sua pluralidade religiosa, no que tange às origens das religiões que aqui foram pregadas, implantadas, desenvolvidas e/ou sincretizadas, compõem um impressionante mosaico de religiões de inúmeras vertentes. Quando falo em mosaico, falo com determinada cautela, já que, se seguirmos fielmente a ideia de um mosaico e, embora pequenos pedaços formem uma figura maior, os pedaços pequenos continuam com suas particularidades. Mas, quando me refiro à religião e, principalmente a religião no Brasil, esse mosaico apresenta uma constante interação entre os pequenos fragmentos que compõem a figura final. E, sem me delongar muito, o fato desses fragmentos apresentarem um constante movimento de troca de elementos a figura maior também acaba por sofrer constantes mudanças. Essa é uma característica do campo religioso brasileiro que é imenso e ricamente composto por movimentos religiosos que se alimentam, se influenciam, se comba-

tem. Enfim, seja qual for a direção, esses movimentos se observam, seja para se aproximar ou se afastar.

Por se tratar de uma formação fortemente diversificada culturalmente, o campo religioso brasileiro constitui um fantástico e desafiador leque de opções para a análise sociológica/antropológica. As produções acadêmicas sobre as religiões no Brasil já não são recentes e, cada vez mais, se amplia a atuação de cientistas sociais nos estudos sobre os fenômenos religiosos no Brasil.

Embora muito já tenha sido feito, a Antropologia e a Sociologia da Religião ainda não conseguem atender a todas as áreas do estudo da religião. Enquanto existe uma forte produção acadêmica quantitativa e qualitativa referente às religiões afro-brasileiras e às denominações neopentecostais, outras áreas ainda permanecem sem despertar interesse. É compreensivo que se observe um maior índice de produção acadêmica em relação aos exemplos anteriormente citados, até mesmo, pela presença de um forte atrito entre as religiões afro-brasileiras e as denominações neopentecostais, além, é claro, das particularidades de cada uma dessas

que já são mais do que suficientes para incitar uma produção acadêmica.

Dentre grupos religiosos presentes no Brasil, e que não são objeto de uma satisfatória pesquisa acadêmica, está a denominação religiosa das “Testemunhas de Jeová do Reino de Deus”. Embora presente no cenário religioso brasileiro, sendo marcante por forte busca pela pregação de sua doutrina e pelo seu distanciamento em relação à outras denominações do Cristianismo, as Testemunhas de Jeová (TJ) ainda não despertaram um interesse acadêmico por parte das Ciências Sociais, figurando apenas na literatura jurídica, devido às polêmicas a respeito de sua proibição quanto à transfusão de sangue.

DENOMINAÇÃO

As Testemunhas de Jeová no Brasil compõem a terceira maior população de membros da denominação no mundo, com uma média de 737.951 membros, ficando atrás apenas do México, com 749.585 membros, e da sede mundial nos Estados Unidos, com 1.156.150 membros (*Anuário das Testemu-*

²Conhecida em português como “Sociedade Torre de Vigia de Bí-blias e Tratados.”

nhas de Jeová, 2013)

Originado nos movimentos de reavivamento proféticos do século XIX nos Estados Unidos da América, o movimento das Testemunhas de Jeová se inicia através de seu fundador Charles Taze Russell, com o nome de “Associação dos Estudantes da Bíblia”, após ele ter se desligado de uma igreja Congregacional da qual fazia parte. Posteriormente, ele fundaria a *Watch Tower Bible and Tract Society*². (SOARES, 2008)

Diretamente ligado, e influenciado pelo contexto histórico teológico da época nos EUA, Russell acreditava na doutrina da “presença invisível de Cristo” e combatia a “doutrina do inferno ardente” e, posteriormente, a “doutrina da Trindade” negando, dessa forma, a divindade de Cristo. Tais ideias ganharam força no contexto teológico da época, que ficou marcado por profecias e alardes sobre o fim do mundo e a volta de Cristo.

Tais doutrinas teológicas são provenientes de uma corrente de interpretação bíblica que se ampara no livro de Apocalipse, mais especificamente no capítulo 20, para afirmar que haverá um regresso do Cristo e instauração de um reinado de mil

anos na terra.

Então, vi descer do céu um anjo: tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo” (...) “Bem-aventurado e santo é aquele que tem a parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, viveram e reinaram com Cristo por mil anos (Ap. 20, 1-3 , 6)

Vários movimentos surgiram nos Estados Unidos afirmando uma data especificamente marcada para a volta de Cristo. Duas grandes denominações religiosas bebem diretamente da fonte destas profecias, e são elas a Igreja Adventista do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová.

Charles Taze Russell liderou um forte movimento de crescimento das Testemunhas de Jeová em número de membros e na estrutura registrada no nome da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados,

chegando a adquirir o local que viria ser a sede mundial em Nova York. Como se pode observar: “a sociedade adquiriu novas propriedades no Brooklyn, na rua Hicks, números 13-17, e na rua Columbia Heights, número 124. Hoje, é dona de vários quarteirões, nessa ilha de Nova Iorque, onde está a sede mundial das Testemunhas de Jeová.” (SOARES,2008, p. 40)

Russell definiu algumas das bases doutrinárias que perduram até hoje na teologia das Testemunhas de Jeová e que contribuíram para o isolamento da denominação em relação às outras denominações cristãs. Mas, em outros casos, algumas de suas orientações e interpretações bíblicas já não são mais seguidas pela liderança da denominação. Um bom exemplo é o modelo eclesial da igreja, que seguia um modelo presbiteriano de organização, com líderes eleitos na congregação, e que hoje, são nomeados pela liderança conhecida como “Corpo Governante”. (SOARES, 2008)

Após a morte de Russell, em 1916, uma comissão designada por antes de sua morte passou a administrar temporariamente a denominação, até a eleição de Joseph Franklin Rutherford como presidente



da associação em 1917. Durante a administração de Rutherford, o modelo eclesástico foi alterado, passando os líderes das congregações a serem nomeados pelo Corpo Governante e não mais eleitos como no período de Russell. Com seu segundo presidente, a Sociedade passou a adotar uma postura sectária cada vez mais forte, entrando em choque com governos e lideranças religiosas consideradas por Rutherford como uma espécie de liderança do diabo, ou sob a influência do diabo. A Sociedade atacava o clero católico e protestante e, também, os governos de determinados países através de livros e periódicos. Segundo Soares (2008):

(...) atacavam o militarismo e o clero católico e protestante. Nessa época, os Estados Unidos estavam em guerra, era a Primeira Guerra, em 1917. Em fevereiro o governo canadense proibiu sua circulação, afirmando haver declarações sediciosas e antimilitares, com isso lançou uma campanha contra os seguidores da organização. Rutherford desafiou as autoridades dos Estados Unidos e do Canadá ao fazer uma campanha acirrada com a distribuição dessa literatura. (SOARES, 2008, p. 52)

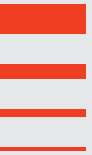
Em 1918 Rutherford teve um mandado de prisão expedido em seu nome e mais oito membros ligados à Sociedade. Esses foram julgados e condenados pelo Tribunal Federal dos Estados Unidos a vinte anos de reclusão, sendo a pena retirada em maio de 1919, após o fim da guerra. (SOARES, 2008)

O período sob a liderança de Rutherford também foi marcado por novos métodos de difusão da doutrina, com a criação de canais de TV, rádio e, posteriormente, de um modelo de pregação através de “um cartão que era lido para as pessoas, pois na época o preparo delas era muito limitado. Rutherford não estava disposto a permitir que elas falassem com suas próprias palavras a mensagem da Sociedade Torre de Vigia.” (SOARES, 2008, p. 54)

Após a morte Rutherford, em 1942, Nathan Homer Knorr assumiu, no mesmo ano, a presidência da Sociedade Torre de Vigia. O terceiro presidente da Sociedade também implantou novas características doutrinárias, algumas abolidas e outras que perduram até os dias atuais entre as Testemunhas de Jeová. Também foi Knorr que deu mais um passo para a centralização de poder dentro da administração:

O sistema implantado pelo segundo presidente, a teocracia centralizada, foi mantida e permanece ainda hoje. Knorr fez ampliações significativas. O terceiro presidente teve controle e a habilidade administrativa de seu antecessor. Em sua administração, as obras publicadas pela Sociedade Torre de Vigia, que até então traziam o nome dos seus autores, apareceram sob o copyright da *Watchtower Bible And Tract Society*, que se tornou o imprimatur da organização, sem nome dos autores. Revogou a lei contra a vacinação e estabeleceu a proibição de transfusão de sangue e o transplante de órgão. A Tradução do *Novo Mundo das Escrituras Sagradas* foi projeto dele, publicada em 1950. (SOARES, 2008, p. 61)

O quarto presidente da sociedade Torre de Vigia foi Frederick Franz, que se destacou como a maior referência teológica entre a liderança, como mostra Esequias Soares (2008): “Destacou-se nessas áreas mais do que os seus três antecessores, por mais de 50 anos foi o teólogo da organização e ficou reconhecido como ‘eminente erudito bíblico’ pela Sociedade Torre de Vigia”. (SOARES, 2008, p. 64).



Sobre as administrações dos três primeiros governantes, Soares (2008) afirma que: “Russell abriu a trilha, Rutherford fez dela estrada que Knorr e Frederick Franz pavimentaram.” (SOARES, 2008, p. 61)

A sociedade ainda viria a ter mais um presidente antes da sua mudança no modelo administrativo, deixando de ser administrada por um presidente e passando a ser composta por um grupo denominado “Corpo Governante”. Esse modelo administrativo perdura até os dias atuais, sendo responsável pela tomada de decisões em qualquer âmbito da organização. (SOARES, 2008)

A TORRE E AS TESTEMUNHAS: MECANISMOS DE DOMINAÇÃO.

Um dos mais fortes traços do grupo composto pelas Testemunhas de Jeová³ é sua unidade identitária, constituída e muitas vezes reforçada pela negação da legitimidade de outros grupos religiosos considerados heréticos. A dominação exercida pela liderança das TJ sobre seus membros é amparada nesta negação de legitimidade de grupos cristãos externos e na forte demarcação de

suas posições teológicas e morais internamente. Weber foi um autor que discutiu a noção de dominação para entender de que forma a ordem emerge de relações conflituosas. Nesse sentido, ele percebeu que para a dominação ocorrer é necessário que aquele que obedece conceda legitimidade àquele que proferiu determinada ordem. Sem esse processo de construção da legitimidade, seria inviável a construção de uma sociedade caótica. Weber (1999) define o conceito de dominação da seguinte forma:

Por “dominação” compreendemos, então, aqui, uma situação de fato, em que uma vontade manifesta (“mandado”) do “dominador” ou dos “dominadores” quer influenciar as ações de outras pessoas (do “dominado” ou dos “dominados”), e de fato as influencia de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandato a máxima de suas ações (*Obediência*) (WEBER, 1999, p. 191)

A construção da imagem de um grupo isolado detentor de uma verdade sagrada, que é mantida a salvo de interpretações

errôneas oriundas de outras denominações cristãs, é fortemente defendida e propagada pelo “Corpo Governante”, responsável pela administração da denominação. Veremos, ao longo do texto, que vários mecanismos em poder da liderança religiosa das TJ são utilizados para manter a coesão do grupo e o monopólio exegetico dos textos bíblicos. Como vimos anteriormente na apresentação do histórico da denominação, as TJ migraram da situação de um grupo isolado caracterizado como dissidente, de interpretações teológicas oriundas de igrejas já estabelecidas, para uma formação como igreja institucionalizada, com hierarquia e administração definidas. Essa passagem de grupo não institucionalizado para uma igreja constituída enquanto instituição pode ser esclarecida com o que o sociólogo Pierre Bourdieu afirma, ao analisar o esforço da igreja para manter a exclusividade do saber sagrado:

“Na medida em que consegue impôr o reconhecimento de seu monopólio (*extra ecclesiam nulla salus*) e também porque pretende perpetuar-se, a Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a en-



trada no mercado de novas empresas de salvação (como por exemplo as seitas, e todas as formas de comunidade religiosa independentes) bem como a busca individual de salvação. (BOURDIEU, 2009, p.58)

Em sua Sociologia da Economia das trocas Bourdieu percebe que existe na sociedade diferentes processos de acumulação de capital, e não apenas o econômico. Um dos tipos de capitais analisados pelo autor é o capital simbólico. Assim como ocorre no âmbito econômico, existe um processo de luta e conflito em torno dos vários tipos de capitais. Uma instituição para ser considerada legítima, e influenciar as ações dos que a ela pertencem, precisa acumular capital simbólico, e para isso diversas estratégias são elaboradas. As estratégias adotadas pelo Corpo Governante em busca de legitimidade e *status* no campo religioso parece ser um exemplo das dinâmicas de poder simbólico descrito por Bourdieu.

Após seu quarto, e último presidente, a Sociedade Torre de Vigia passou a ser administrada pelo Corpo Governante: um grupo de “ungidos” que se revezam na pre-

sidência desse órgão e possuem autonomia para nomear lideranças nas congregações espalhadas pelo mundo, bem como é responsável pela análise e conteúdo publicados em seus periódicos, o mais famoso entre eles é o periódico quinzenal, publicado no Brasil, com o nome de *A Sentinela*. Esse nome é uma alusão ao próprio nome da Sociedade Torre de Vigia.

A Sentinela e *Despertai!* são publicações elaboradas com o fim de registrar junto aos membros as ideias e os valores inerentes à denominação. Em um dos seus exemplares vemos a explicação do funcionamento do Corpo Governante, composto por comissões que são responsáveis por manter a coesão dos membros e a submissão em relação à liderança. O livro *Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino de Deus*, outro importante material impresso, apresenta uma justificativa para a referida composição do Corpo Governante afirmando que:

“Esta distribuição de responsabilidades revelou ser muito útil. Junto com ajustes já efetuados nas congregações, ajudou a tirar do caminho qualquer obstáculo que pudesse impedir pessoas de reconhecer

que Cristo é o Cabeça da congregação (...). As Testemunhas de Jeová vêem evidência inconfundível de que não se trata de uma organização de homem, mas de Deus, e o próprio filho de Deus é quem a dirige.” (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 23).”

Na justificativa acima, retirada de uma produção da própria denominação, vemos como uma opção por um modelo administrativo relacionado à execução de uma vontade divina, “o próprio filho de Deus é quem a dirige”. Em um grupo religioso, onde um dos atributos de sua divindade é o conhecimento e a sabedoria absoluta, o espaço para questionamento e contestação de decisões fica consideravelmente reduzido. Qualquer discordância em relação à decisão da liderança, seria uma contestação à própria divindade.

A Sociedade Torre de Vigia conta com uma tradução bíblica própria, denominada *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, que difere de pontos centrais e fundamentais da tradução utilizada pelas denominações cristãs católica e protestantes.

Como já foi demonstrado, desde seu fundador, Charles Taze Russell, as Tes-



temunhas de Jeová combatem veementemente a doutrina da Trindade presente na tradição cristã católica e protestante. A *Sociedade Torre de Vigia* defende que a doutrina da Trindade não é uma doutrina bíblica, por não constar na Bíblia esse termo, e por caracterizar em politeísmos o fato da existência de três deuses em um.

No primeiro capítulo do *Evangelho de João no Novo Testamento*, está contido um dos versículos utilizados pela tradição cristã para justificar a doutrina da Trindade: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus.” (Jo 1, 1). Nesse versículo a tradição cristã interpreta o “Verbo” como sendo Jesus Cristo e afirmando que este “Verbo” era Deus. Dessa forma, a divindade de Jesus Cristo é afirmada colocando-o como parte da Trindade.

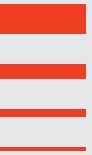
Na *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, adotada pelas Testemunhas de Jeová como única tradução fidedigna dos escritos originais, o mesmo versículo aparece da seguinte forma: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com o Deus, e a Palavra era [um] deus. Este estava no princípio com o Deus.” (Jo 1,1).

Ao afirmar que o termo “Palavra”, também identificada como Cristo, era um deus o caráter divino de Cristo é retirado e colocado em um patamar abaixo do de Deus. As Testemunhas de Jeová afirmam que Cristo é uma criação de Jeová. A mais perfeita das criações, mas ainda assim uma criação. Em outras palavras, na concepção teológica da denominação, a “Trindade” (Pai, Filho e Espírito, todos três como parte constituinte de um ser único chamado de Deus), não existe. O único ser atemporal, que não foi criado, que sempre existiu seria Jeová. Uma vez que Jeová (equivalente ao “Pai” na concepção da “Trindade”) é o ser que sempre existiu antes de tudo, qualquer força, ser ou coisa teria sido criada por intermédio dele. Dessa forma, podemos afirmar que, segundo o pensamento da denominação, Jesus (o filho) e o Espírito Santo não possuem o status divino como Jeová, uma vez que foram criados por ele. Por isso, no trecho do evangelho João, na tradução utilizada pelas Testemunhas de Jeová, a “Palavra” é identificada como “um deus” (letra minúscula) e não “um Deus”. A opção por utilizar o termo “deus” aparece como intenção de retirar o caráter divino pertencente

exclusivamente a Jeová Deus. Essas mudanças deliberadas de traduções demonstram o esforço das lideranças em fazer com que as interpretações dos membros da instituição religiosa acompanhem suas próprias interpretações oficiais do texto contido na Bíblia.

O Corpo Governante funciona como um intermédio entre a vontade de Jeová e suas Testemunhas. Ele se autointitula como “Escravo fiel e discreto”. A publicação quinzenal *A Sentinela* age como um mecanismo de resposta do Corpo Governante para assuntos referentes às interpretações bíblicas, para assuntos extra igreja (funcionando como um manual que orientam as interpretações dos membros da denominação), e, também, para definir claramente sua posição religiosa de inclinação proselitista em relação às outras denominações cristãs ou não.

Em uma de suas reuniões semanais os membros se reúnem nos “Salões do Reino das Testemunhas de Jeová” para estudarem lições elaboradas pelo Corpo Governante com variados temas. As publicações são compostas por perguntas simplificadas que são respondidas



durante o estudo entre os membros e as lideranças locais, responsáveis pelas lições repassadas aos professores já com as devidas respostas.

A Sociedade Torre de Vigia através de seu Corpo Governante defende que a organização é responsável pela interpretação das escrituras, bem como pelas decisões tomadas em nome das TJ, cabendo aos membros seguir as instruções dadas pela liderança, como podemos conferir no trecho do periódico da denominação, extraído do livro de Soares (2008):

Se chegarmos a pensar que sabemos mais do que a organização, devemos perguntar-nos: “Onde é que aprendemos a verdade da Bíblia? Como conheceríamos o caminho da verdade se não tivesse havido a ajuda da organização? Podemos realmente passar sem a orientação da organização? Não, não podemos.” (...) Devemos ter confiança no instrumento que Deus usa. Na sede de Brooklyn, donde emanam as publicações bíblicas das Testemunhas de Jeová, há mais anciãos maduros, tanto do “restante” como “das outras ovelhas”, do que em qualquer outra parte da terra (...). Não há dúvida sobre isso. Todos

nós precisamos de ajuda para entender a Bíblia, e não podemos encontrar a orientação bíblica de que precisamos fora da organização do “escravo fiel e discreto”. (SENTINELA, apud SOARES, 2008, p.110)

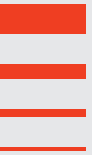
Tais afirmações, que foram citadas por Soares (2008) e retiradas da revista *A Sentinela*, ilustram bem a busca por uma legitimação de seu privilégio na interpretação das escrituras e a necessidade do reconhecimento dessa legitimidade e autoridade pelas Testemunhas de Jeová. Em outra publicação da revista *A Sentinela*, edição para estudo, em sua tradicional organização, em sistemas de perguntas e respostas, temos duas questões, com explicação em sequência, apontando quem compõe a organização denominada na citação anterior como “escravo fiel e discreto”, primeiramente delimitando o grupo:

- 9. Será que todos os cristãos ungidos fazem parte do escravo fiel? Explique.
- 9. Será que todos os ungidos na Terra fazem parte do escravo fiel? Não. Na realidade nem todos os ungidos têm um papel em prover alimento espiritual para os companheiros de

adoração no mundo inteiro. Entre o trigo há irmãos ungidos que talvez sirvam como servos ministeriais ou anciãos numa congregação. Eles ensinam de casa em casa e na congregação, e apoiam lealmente as orientações da sede mundial. Mas eles não têm parte em prover o alimento espiritual para a fraternidade mundial. Além disso, entre os ungidos há irmãs humildes, que jamais tentariam assumir o papel de instrutores na congregação. —1 Cor. 11:3; 14:34. (SENTINELA, 2013, p.21,22)

E em sequência caracterizando o grupo delimitado:

“10. Quem, então, é o escravo fiel e discreto? Em harmonia com o padrão de Jesus de alimentar muitos pelas mãos de poucos, esse escravo se compõe de um pequeno grupo de irmãos ungidos diretamente envolvidos na preparação e distribuição de alimento espiritual durante a presença de Cristo. No decorrer dos últimos dias, os irmãos ungidos que compõem o escravo fiel têm servido juntos na sede mundial. Em décadas recentes, esse escravo tem sido composto do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. Note,



³Disponível em <http://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2013533#h=18>. Último acesso: 11/04/2015.

porém, que embora o escravo seja composto de mais de uma pessoa ele é descrito na ilustração de Jesus como apenas um escravo. Assim, as decisões do Corpo Governante são tomadas coletivamente. (SENTINELA, 2013 p.22)³

Os trechos extraídos da revista demonstram a constante intenção de amparar o modelo de estrutura administrativa por meio de orientações bíblicas. No caso acima, vemos como o governo da denominação é organizado e por quem é constituído, nem todos podem fazer parte do “escravo fiel e discreto”, apenas um grupo escolhido pode integrar a administração, que tomará todas as decisões sobre os assuntos externos e internos da denominação. Nesse contexto, outro trecho de Weber é útil para esclarecer a relação entre administração e dominação:

“Toda dominação manifesta-se e funciona como administração. Toda administração precisa, de alguma forma, da dominação, pois para dirigi-la, é mister que certos poderes de mando se encontrem nas mãos de alguém. O poder de mando pode ter apa-

rência muito modesta, sendo o dominador considerado o ‘servidor’ dos dominados e sentindo-se também como tal.” (WEBER, 1999, p. 193)

Com uma tradução própria e com estudos previamente elaborado e bem delimitados, o Corpo Governante garante a coesão do pensamento doutrinário e, em casos em que o membro da denominação utilize fontes não autorizadas pelo Corpo Governante, pode-se punir severamente a atitude do membro como afirma Soares (2008):

“A violação de quaisquer desses preceitos, sejam eles de ordem teológica, social ou cívica, é punida com a expulsão da organização, e todas as Testemunhas de Jeová ficam proibidas de manter contato com o desassociado, até mesmo de cumprimentá-lo com um “oi”, isso inclui até mesmo os familiares” (SOARES, 2008, p. 75)

O controle exercido pelo Corpo Governante sobre os membros da denominação é extremamente eficaz e conta com um aparato regulador e punitivo amplamente diversificado, que pode interferir diretamente

na vida dos seus seguidores. Como vimos anteriormente, no exemplo de punição aos membros, o Corpo Governante é capaz de interferir até mesmo nas relações familiares das Testemunhas.

Podemos ver que o modelo eclesástico da Sociedade Torre de Vigia é carregado de mecanismos que exercem uma eficaz dominação sobre seus membros e garante uma forte proteção contra influências e informações vindas de meios externos e estranhos à denominação.

CONCLUSÃO

Neste trabalho exploratório, de uma religião pouco estudada pelos cientistas sociais especializados em religião, buscou-se apresentar algumas características gerais das Testemunhas de Jeová. Embora seja este um grupo minoritário dentro do cenário religioso brasileiro, sua análise pode fomentar uma maior compreensão das dinâmicas religiosas complexas existentes no país. Desse modo, este trabalho, ainda que de forma inicial, procura preencher uma certa lacuna ao começar a discutir alguns

aspectos organizacionais das Testemunhas de Jeová.

Ao acompanhar o material impresso vinculado pelos líderes dessa instituição, percebeu-se o esforço enorme por parte dos líderes em se apresentar como detentores da real interpretação dos textos sagrados e, também, como os únicos capazes de desvendar a realidade e as questões cotidianas dos fiéis à luz dessas interpretações. Sendo assim, é possível analisar o que se passa nesse ambiente religioso à luz das teorias sociológicas sobre dominação, poder, violência simbólica e controle. Em trabalhos futuros, espera-se discutir, de maneira mais ampla, esses mecanismos de controle e dominação presente nas Testemunhas de

Jeová, e perceber quais são os tipos de relacionamentos que esse grupo estabelece com outras vertentes do cristianismo brasileiro, e até mesmo com o Estado. De início, é possível notar a busca por uma identidade legítima construída através da derrubada e deslegitimação de outras formas de interpretar a Bíblia e de vivenciar a religião cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUÁRIO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. Brooklyn, N.Y., USA: Watchtower Bible and Tract Society of New York, Inc.; Cesário Langre, SP: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2013. 192 p.

APOCALISPE. In: *Bíblia Sagrada*: tradução João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 1664 p.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Pierre Bourdieu; introdução, organização e seleção Sergio Miceli. – São Paulo: Perspectiva, 2009. 361p.

JOÃO. In: *Bíblia Sagrada*: tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 1664 p.

JOÃO. In: *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*. Cesario Lange – SP: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986. 1662 p.

Revista A Sentinela [online]. Edição de 15 de Julho de 2015.

SOARES, Esequias. *Testemunhas de Jeová*: a inserção de suas crenças e práticas no texto da tradução do novo mundo. São Paulo – SP: Hagnos, 2008. 264 p.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BIBLIAS E TRATADOS. *Testemunhas de Jeová*: Proclamadores do Reino de Deus. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesario Lange, SP: Sociedade Torre de Vivia de Bíblias e Tratados, 1993. 750p.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 1999. 580 p.